



2.-Sacrifício

Na Terça Feira Santa, a Corte Suprema da Austrália, por unanimidade, declarou inocente e libertou o Card. Pell que antes tinha sido condenado duas vezes por suposto abuso sexual de menores. Card. Pell sempre tinha declarado sua inocência. Condenado em 2017, recurso rejeitado em '18, apareceu nas fotos algemado, segurado a braços por dois homens robustos, conduzido à prisão de segurança máxima, para 6 anos de detenção. Era mesmo obstinação de inimigos da Igreja: decisões de juizes sem fundamento, desconcertantes. Na prisão, controlado por drone, era-lhe proibido rezar Missa, e proibido o livro 'Liturgia das Horas'. Ele passou 400 dias nessas condições; e logo que foi libertado falou que *'tinha sofrido profundas injustiças; que não guardava ressentimento contra o acusador, e não queria aumentar feridas e amarguras'*. A sentença foi recebida com satisfação pelo Vaticano; e o Papa, logo cedo, rezou Missa pelas vítimas de *obstinadas injustiças*.

Na Austrália houve vários processos contra clérigos por crimes sexuais; e o Cardeal parece ter sido escolhido como *bode expiatório*. Mas, o Card. Pell não quis acusar a Igreja, nem o clero: *'Meu processo não era referendado sobre a Igreja; nem sobre a maneira como as autoridades da Igreja gerenciaram os crimes de pedofilia da Igreja. O ponto era só minha acusação de tais crimes, e eu não os cometi'*.

Não poucos analistas sugerem que foi uma **'vingança transversal'**, de cunho mafioso. Pois ele, Ministro da Economia do Vaticano, em 2014 começou a reforma do Banco para impedir reciclagem de dinheiro sujo. Nessa mesma data começaram as acusações lá na Austrália. A Televisão lançou uma ferrenha campanha anticatólica. A Polícia abriu investigação, sem nenhuma acusação prévia, somente para ver o que encontrava. Os partidos da Esquerda eram-lhe contra, porque se opunha ao matrimônio homossexual, ao aborto, à pedofilia.

Foi uma campanha que dividiu em duas partes a população entre os que queriam condená-lo como 'exemplo' para todos os casos de pedofilia, e os que acreditavam em sua inocência. Por isso o Presidente da Conferência dos Bispos da Austrália disse que *'a sentença era de alívio por todos aqueles que acreditavam na inocência do Cardeal, e devastadora para os demais'*. Card. Pell *'é modelo de paciência e personalidade sacerdotal, que o tornou livre mesmo estando preso'*.

3.-Testemunho

Ayatollah é o mais alto dignitário na hierarquia religiosa do islã. Pois bem, o Ayatollah Damad escreveu uma carta ao Papa Francisco: *"Nestes dias em que os homens do mundo inteiro estão gravemente ameaçados pelo COVID-19, eu estou profundamente convencido de que o Santo Padre continua rezando com amor e compaixão para que esta*

tragédia internacional cesse e o sofrimento humano encontre alívio. O povo iraniano está lutando contra a perda de seus entes queridos causada pela falta de recursos médicos, consequência das sanções impostas pelos Estados Unidos. Peço humildemente ao amado líder mundial dos católicos, para intervir afim de que essas sanções sejam eliminadas. É um gesto humanitário de quem crê em Jesus, que para o mundo inteiro é símbolo de paz e amor". O Vaticano publicou a carta; então surgiu um coro de países reclamando remoção das sanções. *'Sufocar o Irã com as sanções que impedem a cura dos doentes, é monstruoso'*, escreveu o jornalista Greenwald. A América confirmou sua disponibilidade a ajudar; mas fatores outros impediram a realização.

No começo de abril, outro Ayatollah, Arafî, mandou também uma carta ao Papa Francisco, agradecendo sua atenção aos pobres e necessitados, e propondo *'cooperação entre as religiões reveladas a serviço da humanidade'*; e *'anunciando que de parte do Irã, professores, estudiosos e estudantes estão prontos para colaborar, em especial modo com as instituições católicas a serviço da humanidade'*.

A teóloga islâmica Sarzad comenta: *"Todos nós vimos a oração do Papa Francisco, que foi capaz de reunir e fazer rezar também a comunidade muçulmana ao redor do mundo. Esta é de verdade a força do Papa"*. Eis o testemunho das obras: certa classe do Irã passou a ter confiança na Igreja. Só assim é possível a missão.

5.- Ajuda

Primeiros foram os sacerdotes chineses que estudam na Bélgica a mandar milhares de máscaras antivírus à China. Elas chegaram a Pequim na noite de 8 fevereiro, depois de longa e complicada travessia, devido à suspensão de voos da China. O pe. Sheng, da Cáritas Chinesa, retirou a mercadoria no aeroporto, liberou da alfândega e despachou naquela noite diretamente a 2 hospitais de Wuhan (o foco do vírus) sem incomodar ninguém, sem empurrar ninguém no risco do vírus. Vendo o exemplo, começou a fila: no dia 10 de fevereiro foi a comunidade chinesa de Nova Iorque; e logo a comunidade católica chinesa de Roma, e mais outras, numa *'maratona da solidariedade'* das comunidades católicas chinesas espalhadas pelo mundo, em nome da proximidade aos irmãos que sofrem.

E OCM vai deixar de ajudar os missionários porque nós estamos de quarentena? Ora, eles esperam com mais aflição nosso presente nesta hora difícil. O Cenáculo de Marilene di Noce ligou: *'Nós fazemos pelo celular. Nós não paramos!'* Este seria um 'contágio' bonito, se pegasse!

***Coleta.**

***Recebei, ó Deus, as ofertas de vossos servos, pelas quais concedeis a salvação mesmo àqueles que não vos conhecem. Amém.**

“Guiné Bissau, 13.4.2020

Caríssimos da Obra dos Cenáculos Missionários,

com alegria recebi no mês de novembro 2019 a demonstração de carinho e zelo por nós missionárias. Com a ajuda recebida pudemos realizar um acampamento com os alunos da Escola, 48 alunos: confeccionamos as camisas para o acampamento e completamos o orçamento para as refeições. Conseguimos ainda ajudar com 80% do valor na compra de óculos para um aluno, Jair, que há tempo sofre com problemas de miopia bastante

graduada. O jovem ficou extremamente agradecido e está se esforçando mais no

aprendizado. Pedimos ao bom Deus que essa Obra de caridade para com os

missionários possa perdurar por muito tempo. E que Deus recompense

a cada um o esforço em garantir que as ajudas venham a cada ano.

De coração profundamente agradecido me despeço,

Ir. Eliana Batista da Conceição”



NOSSO JEITO

A missão além-fronteiras é chamada de ‘missões’ pelo Concílio Vaticano 2º: *‘Chamam-se comumente missões as iniciativas especiais dos arautos do Evangelho que, enviados pela Igreja, vão pelo mundo todo realizando o múnus de pregar o Evangelho e de fundar a própria Igreja entre os povos que ainda não creem em Cristo’*. Nós a chamamos de **‘missão ad gentes’** porque o Decreto que dela trata começa assim: ‘Ad Gentes...’ OCM abraça tal missão e a entrega aos Cenáculos para que ajudem com orações e recursos. O Boletim *‘Missões Santa Cruz’* se alinha com ela. E o *‘Nosso Jeito’* de hoje tenta garantir aos Cenáculos de que não foram seduzidos quando convidados a cooperar.

Para honrar essa missão comentemos alguns pontos.

Ad Gentes é um **‘Decreto’**: não discute dogmas; visa ações, atividades; e para executar essas atividades não precisa ser doutor em missiologia, basta justificá-las. Missiologia vê a missão da Igreja como um todo; ao passo que OCM se empenha nas missões específicas de que fala o Decreto; e estas já existiam antes de existir a missiologia.

Importante aqui é considerar a **finalidade** da missão. Na América Latina desde o começo, as missões visavam a fé, o batismo, a salvação. O contexto cultural se encarregava de explicar que a fé e o batismo levavam à salvação no paraíso, depois da morte. São Pedro Claver, na Colombia, batizou cerca de 40mil escravos negros, preocupado de que não perdessem o Paraíso. Por séculos se pensou assim, em nome do Evangelho: *‘Quem crer e for batizado será salvo’* (Mc 16,16). Ninguém se perguntava se, para Jesus, *fé, salvação* era o mesmo que pensava o povo. A finalidade da missão começou a ser questionada no século 20, pois *‘A tua fé te salvou’* (Lc 8,48) indica algo que já aconteceu, não que acontecerá no futuro: esta fé não se dobra a uso e consumo do batizando, mas configura a sua vida a Cristo. Logo, a fé do povo não pode ser a finalidade da missão. Mas, basta instruir o povo sem destruir a missão. Já no século 21, a Congregação para a Evangelização dos Povos, encarregada das missões, garante que: *‘A tarefa primordial da missão é desde sempre a propagação da Fé’*. Então a fé continua sendo finalidade da missão.

Todavia, no Decreto está escrito que a finalidade da missão é *‘pregar o Evangelho e fundar a Igreja’*. Então, mudou o quê? Era só endireitar as ideias. Fé e batismo estavam centrados na Igreja. A primeira carta ao Padroado, em

OCM e ‘missão ad gentes’

1493, em meia página de documento oficial repete bem 4 vezes a expressão *‘fé católica’*, como a insinuar que a Igreja era **dona** da fé. O Vaticano 2º explica que *a fé é em Cristo*, e que a Igreja é servidora do Senhor e dos cristãos. Mas, da implantação da Igreja na missão **nunca** se duvidou. Desde o primeiro sermão de Pedro se forma Igreja: *‘os que aceitaram a palavra receberam o batismo e se uniram a eles’* (At. 2,41). O mesmo na primeira geração de cristãos: *‘operavam a um fim comum, a edificação das Igrejas locais’* (Colz.120); o objetivo é sempre claro e o mesmo, a implantação da Igreja. O Vaticano 2º achou oportuno **explicitar** essa finalidade, a implantação da Igreja, devido ao proselitismo dos evangélicos e a opiniões um tanto abstratas para um Decreto. Agora não podemos desconhecer a **implantação da Igreja**; e temos que trabalhar por ela, sem perder-nos atrás de outros objetivos. Mesmo com este perfil de sempre, a missão ad gentes encontra hoje **dificuldades** especiais.

Dificuldades externas à Igreja: falta de liberdade religiosa a nível mundial. Tantos povos não deixam missionários entrarem, fazerem missão; até perseguem os cristãos.

Dificuldades internas à missão: novos problemas mundiais impuseram novos âmbitos à missão (RMi37); e para esses novos âmbitos se dirigem muitos vocacionados, deixando esquecida a missão ad gentes.

Por fim, uma dificuldade nos fiéis, o **despreparo** para o novo lugar da missão ad gentes sugerido por João Paulo 2º: a **Ásia**. O Relatório do pe. Paleari mostra como o Oriente está vazio de missionários brasileiros, por causa das distâncias, das línguas e das culturas. Esta situação gera em nós desânimo em lugar de maior garra espiritual. Faz pouco tempo um missionário reparava: *‘As prisões do Nepal estão repletas de missionários... evangélicos, sem nenhum católico!’* Deverá ser essa a nossa conclusão?

OCM surgiu para animar à missão ad gentes. Eis aqui nossa honra:

que a missão continue possível entre os povos;

que a fé não abandone 5bilhões de pessoas ignaras de Jesus;

que os católicos sigam o Senhor, não o secularismo.

OCM é missão divina, não brincadeira cultural.

Missão ad gentes é o amor de Cristo pelos povos, não conversa de conforto.

pe. Jose Stella